

# OCCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte  
Anno ou 24 numeros ..... 25000 | Trimestre ou 6 numeros .... 8050  
Semestre ou 12 numeros .... 16300 | N.º avulso ou pago à entrega 9120  
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS  
Anno ou 24 numeros ..... 35000 | Semestre ou 12 numeros .... 16500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 45

1 DE NOVEMBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Exposição portugueza no Rio de Janeiro, R. — Africa, o tenente Lourenço da Rocha no Dahomé em 1878-1879, ALBERTO DE CERVAES — As nossas gravuras — Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO — Casas da moeda em Evora, apontamentos, A. F. BARATA — Justiça... e Justicas, a Camillo Castello Branco, SILVA RAMOS — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879 — Sala de D. João V, Exposição da ourivesaria — Exposição de sedas na sala do Marquez de Pombal — Exposição de instrumentos musicos, na sala de

Marcos Portugal — Exposição de cabos e pollames, na sala do Infante D. Henrique — Exposição de mobillas, na sala de D. Pedro V — Africa, sacrificios humanos no Dahomé, a que assistiu o tenente Lourenço da Rocha — Funeraes do rei do Dahomé — Helenita Nicolay — Viagens celebres, Golden Gate, escaler que fez a viagem de Boston a Cabo Verde, o capitão Herber e o piloto Andrew Coombs — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Se o leitor exige de mim a conta exacta dos defuntos que a ultima eleição produziu nos diversos circulos do paiz, desde já declaro que

ainda me não foi possível contal-os, nem averiguar em verdade qual o numero de mortos honorarios e qual o de cadaveres effectivos.

Que cada partido contendor arrogou a si o maior numero de finados que lhe foi possível, arremesando com as mortalhas ensanguentadas à face dos seus contrarios, é um caso que todos nós ahí presenciámos; entretanto como se deu a circumstancia de muitos d'esses finados, passada a hora da lucta, se levantarem, sollicitados pelos deveres dos seus cargos como vivos, não é possível formular uma estatistica exacta dos que baquearam fulminados pelo punhal dos sicarios nem dos que caíram trespassados pelo florote dos rethoricos.

## EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



SALA DE D. JOÃO V — EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA (Segundo uma photographia de Marc Ferrez)



*Sicario* é o nome dado ultimamente no vocabulário da politica nacional a todos os que commungam n'uma pia diversa.

Os negociantes do suffragio parece, entretanto, haverem feito bom negocio. O mercado esteve extremamente animado, e os electores que se venderam não podem em verdade queixar-se de que este anno a providencia tenha sido avara de bolota constitucional.

Neste momento, pelos cafés, pelos restaurantes, pelos clubs, e pelas casas particulares, não se faz outra coisa senão commentar o resultado da *lucta*. Lisboa, como toda a gente sabe, mostrou-se ainda mais uma vez a austera cabeça pensadora d'este grave corpo politico que tão amigo é dos governos constituidos, a ponto da gente suppôr que os governos não de passar e elle ha de ficar ainda a votar nos governos!

Na capital, ao que notaram alguns jornaes, observou-se uma extrema decrescencia de idéas extremas. A Anthero do Quental, o suffragio deu cerca de duas duzias de votos, a Theophilo Braga, pouco mais, a Latino Coelho, quasi a mesma cousa! Isto no momento em que Paris vota no communalista Herbert, para conselheiro municipal, representa uma eloquente lição para os povos! Lisboa não accetta as perversas theorias revolucionarias. E' a cidade da Europa em que ha mais serenidade e mais typhos, desejando apenas que a deixem dormir acompanhada de tudo o que constitue o seu patrimonio historico, desde o *ideal* politico até á canalisação.

Anthero do Quental, o austero pensador, Theophilo Braga, o sábio professor, Latino Coelho, o academico illustre! Tinha que ver se a primeira cidade do paiz manchava os seus braços, votando em qualquer d'estes nomes que representam manifestamente uma nota discordante á noção que a cidade tem dos sistemas politicos por que os povos se regem.

Só com uma condição Lisboa se atreveria a votar n'elles. Era se, porventura, em vez de se apresentarem com um ideal á bocca da urna, se apresentassem com uma bolça. Oh, então sim, pois que a cidade parodiando o dito de Francisco I, gosta sempre de bradar no dia seguinte áquelle em que se fere a campanha eleitoral: — *Tudo se perdeu menos o voto!*

Dêem-me um credito, não politico, mas sobre um banco, que eu, simples chronista, me comprometo a fazer eleger por Lisboa conservadora o proprio sapateiro Simão!

Emquanto a capital *negocia*, a provincia emancipa-se, impondo as suas notabilidades e collocando os seus bachareis. Não ha hoje burgo em Portugal que não possua o seu joven advogado cheio de aspirações e de crencas, morrendo por sacrificar-se no altar da Havaneza, e encostar-se pensativo ao balcão do parlamento. A provincia, como boa mãe, alimenta nos cavacos da pharmacia e nas assembléas geras da philharmonica local, tão patrioticas ambições e quando o poder executivo dá ordem para os governadores civis consultarem a urna, a provincia então ergue-se e apontando para uma cabeça bezuntada de banha que tem carinhosamente encostada ao seio, pede ao governo, com uma tranca nos olhos e a lagrima atraz da orelha, que adopte, como filho, aquelle mancoço desvalido, que é exactamente da opinião do ministerio, e que está prompto no parlamento a ser d'outra qualquer que o governo entenda conveniente a favor das prosperidades publicas!

Toda a gente viu como, por exemplo, Pinheiro Chagas foi ha pouco vencido por um capricho d'estes. Pinheiro Chagas tinha sido durante umas poucas de sessões, só por si, uma força parlamentar e quasi uma opposição inteira. Discutiu a guerra, a marinha, a fazenda, as obras publicas, trouxe em sobresaltos um ministerio, fez comparecer o poder executivo a horas, encheu as tribunas de espectadores, imprimiu impeto ás sessões, deu em fim, esplendor ás luctas da palavra.

Chega o mez de outubro, e um filho amado da Covilhã pede o diploma para si. A Covilhã, commovida, escutando o conselho do adminis-

trador, não resiste á supplica, e ahi a temos resumida a possuir unicamente para gloria do seu nome alguns excellentes lanificios! Nunca mais Lisboa fallará d'ella senão para dizer, por ventura, que os seus pannos pilotos são quasi eguaes em qualidade aos estrangeiros e os seus bachareis, sob o ponto de vista parlamentar, menos apreciaveis que os seus briches.

— Lisboa já estava farta realmente de tanta celebridade ambulante de que o mundo nos ultimos tempos se havia despojado para nos impressionar. Tivemos o *primeiro atrador do mundo*, o *primeiro thaumaturgo do mundo*, e o *primeiro domador do mundo*, em menos de tres semanas! Era necessario que viesse uma novidade que, sem ser a primeira do mundo, tivesse ao menos o condão de ser a primeira da cidade.

O theatro de S. Carlos abriu finalmente e a sua primeira recita foi d'aquellas que deixam *grata impressão* no animo dos espectadores, como costumam dizer os noticiarios. D'esta vez S. Carlos fez uma variante ao repertorio sentimental que tão fundas raizes tem ainda no coração da baixa, e em vez de abrir com o *Trovador*, ou, quando muito, com o *Rigoletto*, abriu com a *Africana*.

Foi talvez espantado por este arrojado theatro que o publico se manteve reservado na primeira noite.

A sr.<sup>a</sup> Ermínia Borghi-Mamo, a quem na opera coube o papel de Selika, é filha de outra do mesmo nome que S. Carlos applaudiu ha uns quinze annos, creio eu, cantora de grande talento e de bello perfil dramatico. De ordinario estas creaturas privilegiadas quando morrem, não mettem no seio dos entes queridos, debruçados sobre o seu leito, — á maneira de um retrato ou de uma madeixa de cabelo — a inspiração e o genio...

Com relação a Ermínia Borghi-Mamo não se pôde, porém, dizer assim. Evidentemente, ha na alma d'ella a faísca do genio maternal e conhece-se logo que, á face do mundo lyrico, é a legitima herdeira de um bello perfil de cantora!

Possue um grande methodo elegante, uma maneira moderna, uma dicção purissima e, sobretudo, não canta com uma *grande voz*, com uma *grande alma*.

Pandolphini, um antigo conhecido de S. Carlos, fez o Nelusko ou do mesmo impeto de artista que os *dilletanti* já lhe conheciam ha muito, se bem que com menos alguma vez. O publico recompensou-lhe com palmas os louvaveis esforços vozes que o bravo artista empregou para ser digno da reputação alcançada em trinta annos, salvo seja, de carreira theatral.

O tenor Bulterini, Guido d'Arrezzo, foi em todo o decurso da opera mais alguma coisa do que um *tenor discreto* — que é por fim de contas o peor genero que eu conheço, — foi um tenor satisfatorio; *ameno*, mas afinado. Ha tenores que duram apenas uma semana em S. Carlos. Bulterini pôde, á vontade, durar a epocha toda.

Entre as mais estranhas originalidades da primeira recita, sobresahiu a manifestação feita pelo publico em S. Carlos, com relação a uma obra d'arte.

O caso foi o seguinte. Como estava annunciado, antes da primeira arcada, levantou-se o velho panço de boca e appareceu o novo, pintado pelo scenographo escripturado ha pouco pela empresa. Houve um momento de sensação, logo seguido de uma pateada quasi unanime!

O publico sentia-se roubado n'um *terreiro do Paço* com que ha trinta annos o theatro lyrico lisonjeava as suas predileções burocraticas! Em vez das arcadas das secretarias, havia um pintor amaldiçoado que se atrevia a offerecer-lhe verdura!

A pateada era a reprehensão de um publico cordato a um pintor sem rhetorica.

O novo scenographo de S. Carlos tem inegavelmente uma grande aptidão, mas foge do convencionalismo a que estão costumadas as platéas lyricas. Na sua scenographia ha deta-

lhes admiravelmente pintados, com uma facilidade extrema, á maneira moderna; o *impressionalismo* captivo-o. Vê-se logo que é um artista que foge da rhetorica scenographica da lua e da agua, de facil e seguro effeito no theatro.

Ora, entre a estatueta de D. José I, e o *realismo na arte*, medeia uma distancia que certamente as nossas platéas não transporão n'estes vinte annos mais chegados.

Eis aqui o motivo por que o publico achava falso, por não ter nuvens, o céu do panço de bocca, e verde de mais, por não estar na praça da Figueira, a verdura do primeiro plano.

Se o scenographo tem posto a lua nas habolinhas, e a sr.<sup>a</sup> Borghi-Mamo a voz nas alturas, a primeira recita da *Africana* ficaria memoravel nos fastos lyricos. Assim foi excellentemente, mas o enthusiasmo da platéa exigiu que tudo subisse — como o preço das extradas.

Entrámos no outonno, presencéamos a queda das folhas, assistimos á partida das andorinhas, observámos o sol de outubro mergulhando no Oceano a sua fronte afogueada, e, que, felizmente, a poesia lyrica nos viesse explicar estes casos em versos melancolicos tocados d'um ou outro endecasyllabo errado.

Em compensação d'esta abstinencia de sentimentalidade, deparei diante de mim com alguns livros novos, firmados por nomes dos mais honrados e mais festejados nas letras patrias.

Fica-lhes reservado um logar na chronica seguinte.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO

No anterior numero do OCCIDENTE reproduzimos as vistas de algumas salas em que a exposição portugueza promovida pela Companhia Fomentadora, e se acha instalada, no Rio de Janeiro, no edificio da Typographia Nacional. Damos hoje outras vistas identicas respectivamente á outras salas em que os productos da industria nacional se acham expostos satisfazendo assim ao empenho que temos de que o OCCIDENTE seja uma publicação accendadamente portugueza, aonde fiquem registrados pela escripta e pela gravura todos os acontecimentos que se relacionem com o nosso modo de ser em todas as manifestações d'orden economica, politica, artistica e scientifica.

*Sala de D. João V.* — Nesta sala acham-se expostos os productos da ourivesaria portugueza, entre os quaes sobressaem d'um modo notavel as delicadissimas obras de filigrana de prata, e outros artefactos das officinas do Porto e Lisboa.

Sobretudo, d'entre os riquissimos objectos desseminalados pelas vitrines e elegantes mostradores, as flagranças destacam-se como um primor, pelos seus delicadissimos rendilhados, pela originalidade do seu desenho, pela bizarrice dos seus arabescos. Quando se pensa que estes productos saem pela maior parte da mão de rusticos operarios sem cultura artistica e sem a mais singela noção do desenho, antevê-se o que poderia produzir tão grande desreza se fosse auxiliada por uma adequada instrução professional.

As outras obras d'ouro e prata não se distinguem pela originalidade, e são na maior parte calcadas sobre modelos francezes, tornam-se contudo notaveis pelo bom acabamento e por uma solidez não vulgar em identicas obras estrangeiras.

Entretanto, com relação á ourivesaria, a *sala de D. João V.* encerra o bastante para demonstrar que Portugal possui neste ramo industrial um nucleo de operarios e de artistas sufficientemente habéis para honrar com os primeiros, desde que uma simples educação professional lhes imprima a direcção conveniente.

*Sala do Marquez de Pombal.* — É expandida e variada a collecção de tecidos expostos nesta sala. É manifesto o desenvolvimento d' industria fabril em Portugal nos ultimos tempos, e nas recentes exposições alguns fabricantes nacionaes tem conseguido ver o seu nome laudado a par d'outros celebrados no estrangeiro. Em pouco mais d'um seculo a industria dos tecidos alcançou em Portugal uma perfeição extremamente notavel e dos productos da Real Fabrica das Sedas, edificada no largo do Ratto, até aos magnificos tecidos expostos hoje pelo sr. Gordoira e Irmão, vae um longo caminho andado, inegavelmente.

Na exposição figuram, alem dos tecidos mais valiosos, taes como o brocatel, o reps, o faille, e outros estofos de luxo, e simples tecidos de li e algodão, cotins, chales, pannos, alcáfitas e uma infinidade de productos das



mais variadas applicações, desde os acinos que são encanados dos salões, até ao bruxo que é o consolo da indigeneia. Esta parte da exposição pôde considerar-se uma das mais completas.

**Sala de Marcos Portugal.**—Esta secção comprehende instrumentos musicos, entre os quaes os expostos pelo sr. Castanheira, fabricante no Porto, constituem uma collecção valiosa. Os instrumentos d'este industrial tem sido premiados em varias exposições. Os cornetins, as requintas, os saxtrompas, os trombones e os baixos, as bombardinas e os contra-baixos, os oboés, as cornetas, os clarinetes, as flautas, as violas, as guitarras, expostas na sala de *Marcos Portugal* formam um mundo capaz d'abrigar nos seus recessos a alma de vinte phylarmonias. Oh! attenta a quantidade de bandos de curiosos que presentemente povoam Portugal, a industria dos instrumentos musicos deve ser uma das mais favorecidas, sendo para admirar que não se tenham instituido mais officinas para satisfazer a procura de instrumentos de vento e de pancada que no decurso do seculo forçosamente deva ter havido.

A certa em obra, por uma affeição encontrada não sabemos como entre o instrumental e as vésas, achase-nos exposta n'esta sala. E grande a quantidade de vésas e de cérios para igrejas, ali expostos, tornando-se notáveis pelo bom gosto dos relevos e pela originalidade das pinturas com que se acham adornados.

São de primeira ordem os cérios paschaes expostos e do tamanho bastante para satisfazer os devotos do esplendor catholico. No ramo eiroa o Portugal do nosso tempo, mostra-se na exposição digno progenitor de muitos dos seus filhos.

**Sala do Infante D. Henrique.**—N'esta sala acham-se expostos os productos de cordoarias, cabos, poleame, fio e tudo o que tem relação com esta industria. A disposição é o mais artistica possível e todas as opiniões são unanimes em que n'este ramo a industria portugueza attingiu o maximo grau de perfeição.

A exposição especial de cabos da fabrica do sr. Domingos d'Abreu avoast-se principalmente, pela excellencia dos productos expostos, e sua bella disposição.

**Sala de D. Pedro V.**—N'este e cinco acham-se expostas as mobílias enviadas pelos fabricantes portuguezes. São na sua maioria bem acabadas e solidas se bem que lhes falte ás vezes um certo cunho d'elegancia e de conforto que a industria dos paizes mais adiantadas imprime hoje a estes productos. Entretanto, no genero atteno, notam-se algumas peças de extremo bom gosto mantendo intacto o caracter da epocha a que dizem respeito.

Alguns expositores apresentam mobílias de quarto de dormir e de *toilette*, extremamente luxuosas, outros, candelabros de pau santo, cadeiras de estofos para sala de visitas, mezas, cadeiras d'espaldar, e uma grande variedade em fim d'outras peças para os diversos usos domesticos.

Entre as obras de torneiro, a imprensa tem emmeionado com louvores as expostas pelo fabricante José Pinto, do Porto, entre as quaes algumas peças de jacamarã com embuidos de pau roza, tem chamado a attenção geral.

A sala de D. *Pedro V* é uma das mais vistosas e mais atrahentes da exposição e concorre para imprimir certo cunho d'opulencia que é este lisongeiro certamen.

Quaesquer que sejam os immediatos resultados materiaes da exposição no Rio de Janeiro, sejam quaes forem as resistencias ou favores que ella tenha encontrado na numerosa colonia portugueza do Rio de Janeiro, é certo que comprehendendo tão util como o da Companhia Fomentadora, de baixo do ponto de vista moral, raras vezes terá nos ultimos tempos levado a cabo por nações em terras estranhas.

R.

## AFRICA

O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA  
NO DAHOMÉ EM 1878-1879

## II

A praça de Abomé—O palacio do rei—O traje do rei do Dahomé—O mar inimigo do rei do Dahomé—O principe herdeiro—As grandes festas do costume—A mataca—O mingá—Os cadaveres—Se os povos do Dahomé são anthropophagos—As danças—A morte e o tumulto dos reis do Dahomé.

Quando o tenente Lourenço da Rocha entrou em Abomé ouviu tiros de artilheria. Esses tiros continuaram atremeados a espaços por descargas de fusilaria até que elle chegou á presença do rei.

As ruas por onde caminhava eram largas e formadas pelos muros de terra dos pateos que rodeiam as casas que são tambem construidas de barro. Essas ruas levam, no centro da povoação, a uma grande praça. Era n'ella que se

achava, para receber o governador portuguez, o rei do Dahomé.

Este estava então n'um pequeno pavilhão ou kiosco em que troncos de arvores delgadas, como columnas, sustentavam um tecto redondo. A pequena distancia algumas plantas circularmente plantadas formavam um *feitico*. Ao fundo via-se um conjunto de construcções que eram a morada do rei, rodeadas, como todas as do paiz, por um muro de terra onde, em ganchos de ferro, se viam cabeças decepadas. Junto das portas d'esse muro costumam os reis do Dahomé accumular como trophéus as ossadas dos elephantes que as amazonas trazem da caça.

Quando o tenente Lourenço da Rocha entrou na praça principal estava n'esta um grande concurso de gente. Os que chegavam tinham de girar tres vezes em volta do *feitico* formado pelas arvores para depois se apresentarem ao rei. Este levantou-se e veio ao encontro do governador portuguez. Viu-se então que trazia na cabeça um barrete de seda e veludo bordado a ouro e ornado com uma meia lua e um meio sol de metal amarelo. Uns calções de cores lis cobriam em parte as pernas e tinha os pés enlaçados em corréas ornadas de metaes e pedras brilhantes. Dos hombros caia-lhe um panno de lã como se fóra um manto.

As salvas continuavam entretanto a pequena distancia. Eram dados por antigos canhões europeus, portuguezes talvez, alguns de bronze, mas todos apaiados e sem carretas. Os negros erguiam-n'os perpendicularmente para os carregar e deitavam-n'os no chão, sobre travessas baixas de madeira para lhes dar fogo.

Uma das primeiras cousas de que o rei do Dahomé fallou ao sr. Lourenço da Rocha foi no mar, de junto do qual elle vinha. Julgou comprehender o governador portuguez por meio de interprete que o mar inspirava grande terror ao rei negro como se fóra o seu grande inimigo, a ponte d'elle julgar que perderia o governo dos povos se um dia o avistasse.

Foi depois o sr. Lourenço da Rocha conduzido á casa que devia habitar.

Soubé então que haviam tambem chegado a Abomé o negociante preso Ignacio de Magalhães e sua mulher. Não pôde porém vel-os; porque do dia 3 ao dia 6 de setembro o não deixavam sair.

Então o filho mais velho do rei mandou-o chamar e encheu-o de perguntas. Eram em tempos muito estimados em Abomé as fazendas portuguezes porque duravam muito sem nunca perderem as cores, e em troca d'ellas levavam os negociantes para as costas os escravos feitos nas guerras do interior. O herdeiro do rei de Dahomé queria saber porque haviam quasi terminados estes negocios importantes e o governador portuguez teve de tentar explicar-lhe, sem grande resultado moral, como as nações civilizadas haviam acabado com o trafico criminoso da escravatura.

Entretanto o tenente Lourenço da Rocha pedia para que soltassem Ignacio de Magalhães e sua mulher, mas continuava a não poder sair da casa e do pateo onde o haviam collocado.

Assim se passaram dias.

Enfim, o rei mandou convidar o governador portuguez para assistir ás grandes festas designadas, segundo os viajantes, pela palavra portugueza *costume*, porque são uma celebração periodica que, todos os annos, ou sempre nas occasiões solemnes, se repete.

Quando o tenente Lourenço da Rocha e os soldados portuguezes chegaram á grande praça, estava ella cheia de gente pela maior parte armada.

Sobre uma varanda armada de madeira e alta como um primeiro andar, estava o rei. O governador foi cumprimental-o e tomou o logar que lhe designaram.

Então um progreio, ao lado, começou em voz estridente e com grandes gestos a explicar ao povo que muitos homens iam morrer e, ao passo que o rei atirava sobre a multidão punhados de buzios, *caurius*, e bocados de fazendas de cores. Em baixo a pequena distancia estava-se amarrando uma grande quantidade

de negros silenciosos, que, com as vistas desvaídas, olhavam intrepidamente a scena.

Grandes cestas começaram então a ser trazidas á cabeça de negros até junto do rei. Em cada cesto, amarrado e envolvido em cordas e pannos, vinha um homem. Só a cabeça saia distincta e aterrada da massa informe onde apenas se via movimentos convulsos e contraídos.

Essas cestas eram postas na borda da varanda e o rei com a mão fazia-as cair em baixo, na praça cheia de povo. Ah! o *mingá*, que é ao mesmo tempo o ministro e o carrasco, levantava a sua espada enorme, cuja folha tem sobre si, para que a torne mais pesada, um grande passaro de metal, e com ella, d'um só golpe, degolava cada victima.

Mas, logo no começo da mataca, o governador portuguez pediu ao rei que o deixasse retirar para que elle não sanctionasse, até certo ponto, com a sua presença, um crime a que todavia não tinha força de pôr termo.

E afastados os portuguezes, no meio dos murmurios ameaçadores da multidão, a carnificina proseguiu.

No dia seguinte dois cabeceiras procuraram o sr. Lourenço da Rocha e, irritados, insultaram-n'o por elle se haver retirado na vespera. Os portuguezes foram então todos desarmados, e de tarde, tiveram de assistir á continuação das festas.

Então milhares de padecentes atados dentro de cestos caíram da varanda do rei, e foram degolados pelo *mingá*, de pé, infatigavel. A multidão embriagada parecia querer muitas vezes disputar-lhe os padecentes, porque, n'outras festas é costume entregar á ferocidade publica a degolação das victimas, e é então o povo que corre sobre as cestas a despedaçar os prisioneiros.

Diz o sr. Lourenço da Rocha que os cadaveres são arrastados para uma valia fóra da cidade, onde as feras e as aves de rapina os devoram em pouco tempo. Outros viajantes tem notado com estranheza a desaparição dos corpos depois dos sacrificios, as orgias nocturnas que continuam as festas, e as explicações ambíguas que dão os negros quando interrogados sobre taes factos.

Disto tudo tem esses viajantes tirado motivos para suspeitar que, pelo menos em certas circunstancias particulares, são anthropophagos os habitantes do Dahomé.

Mas depois de sacrificados os escravos principiam as danças. Ranchos de raparigas com o peito e as pernas nuas, ou mulheres mais idosas de coletes de chita, decotados, com manilhas de metal ou de madeira, brilhantes de oleo de palma, dançam então rapidamente. O rei levanta-se ás vezes e vai tambem dançar com ellas, tocando uma especie de tambor. E o povo bate com as mãos na bocca applaudindo com sons roucos e entrecortados.

Até 13 de janeiro do corrente anno de 1879 estiveram os portuguezes retidos em Abomé, sem receberem noticias de fóra.

Durante esse tempo o sr. Lourenço da Rocha pôde observar á vontade os curiosos costumes d'aquelles povos.

Ao rei morto são enviados muitas vezes pelo seu successor mensageiros com presentes.

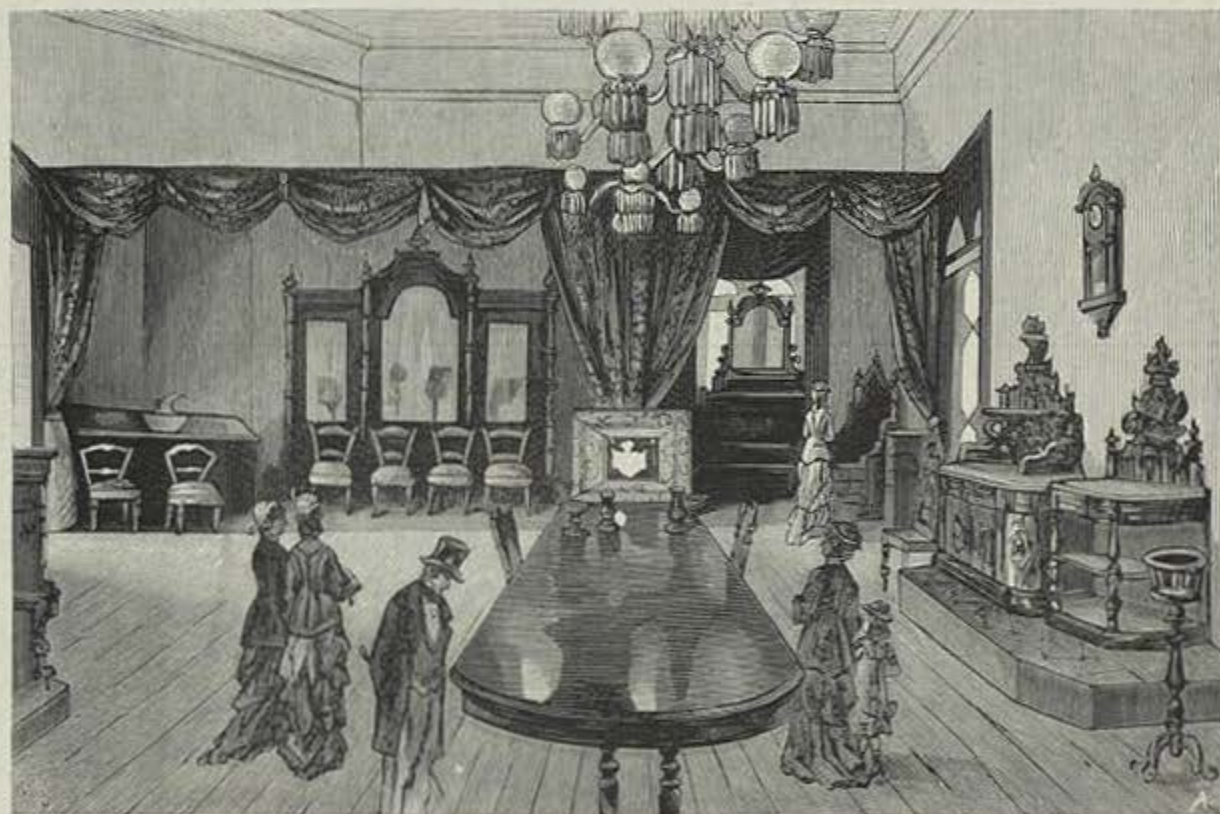
Contam viajantes portuguezes que em Abomé os corpos dos reis que morreram, se collocam n'um vasto subterraneo cujo tecto é sustentado por columnas naturaes. N'uma vasta quadra e dentro d'uma especie de caixa feita por terra amassada com o sangue de cem escravo estende-se o corpo do rei, encostando-lhe a cabeça ás caveiras dos chefes vencidos na guerra. Ah! o deixam. E é ali que, de tempos a tempos se veem immolar os gados, os escravos e muitos negros, que voluntariamente se deixam matar pela honra de serem enviados do rei morto.

E só 18 mezes depois da morte d'um rei que o seu successor é verdadeiramente proclamado. Na grande caverna a cabeça do finado é mostrada ao povo, e é então que, nas festas celebradas, se fazem os mais numerosos e ferozissimos sacrificios.

ALBERTO DE CERVAES.

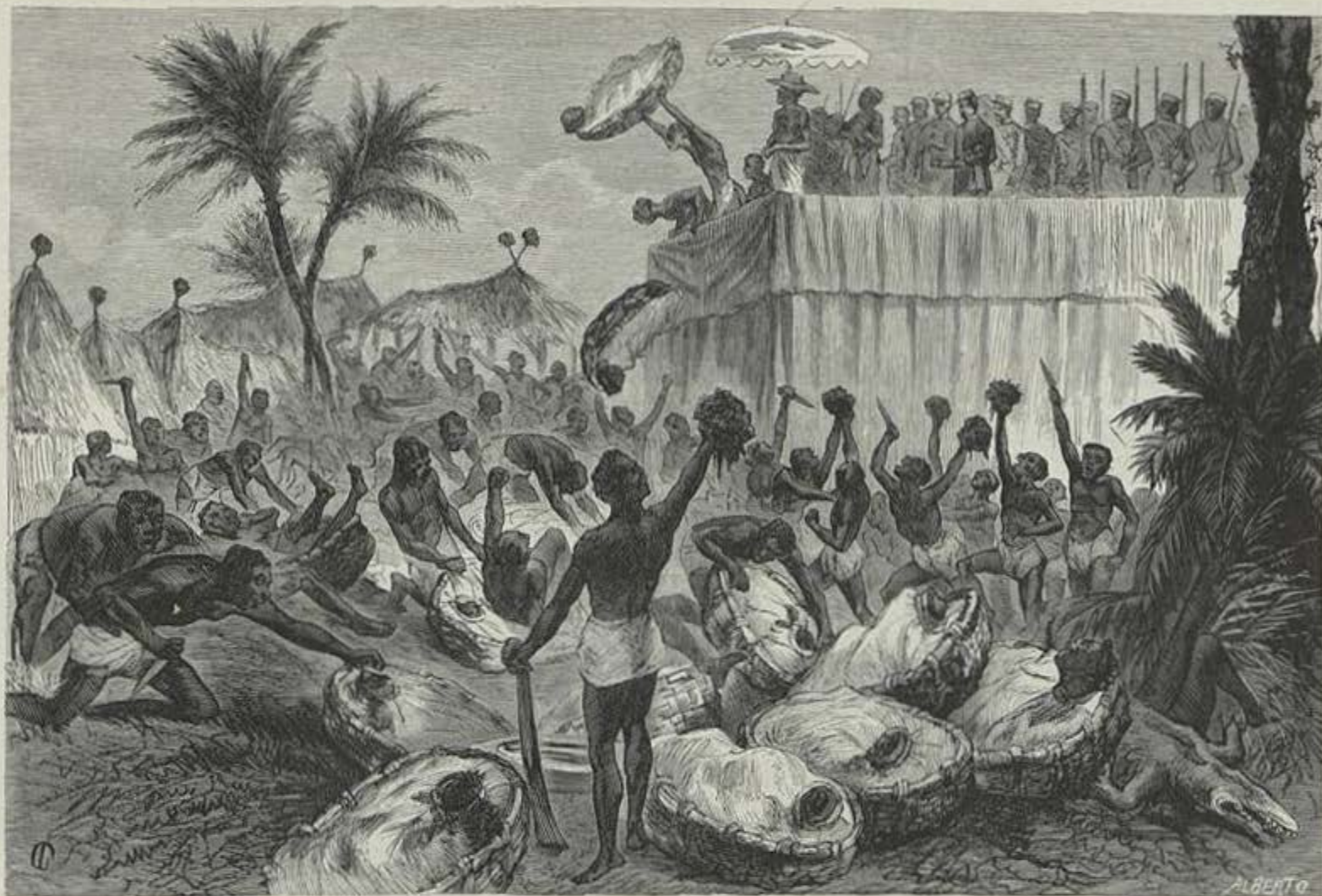
(Continua)





EXPOSIÇÃO DE SEDAS NA SALA DO MARQUEZ DE POMBAL — EXPOSIÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICOS NA SALA DE MARCOS PORTUGAL — EXPOSIÇÃO DE CABOS E POLIAMES NA SALA DO INFANTE D. HENRIQUE — EXPOSIÇÃO DE MOBILIAS NA SALA DE D. PEDRO V (Segundo photographias de Marc Ferrez)





AFRICA — SACRIFICIOS HUMANOS NO DAHOMÉ A QUE ASSISTIU O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA

## AS NOSSAS GRAVURAS

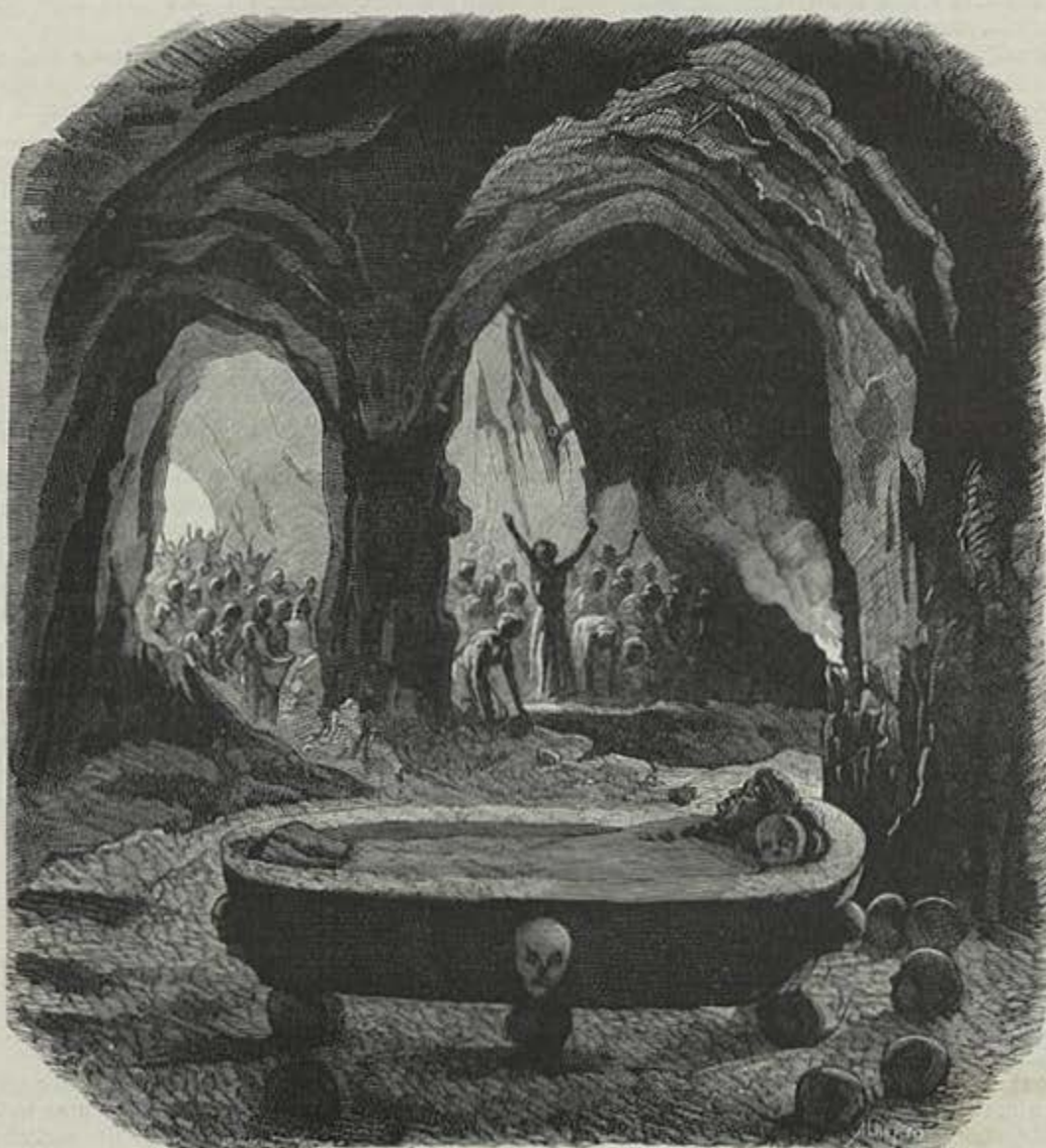
HELENITA NICOLAY

A joven Helenita, de que damos hoje o retrato, é a interessante sibylla que, por algumas noites, encantou ultimamente a platéa do theatro do Gymnasio com os seus admiraveis trabalhos de magia moderna.

A joven Helena distingue-se particularmente nos exercicios de alta memoria, presciencia e dupla vista; é uma especie de *Debora* resuscitada. No tempo das prophetisas e das pythonisas, em que o mysterio e o enigma dominavam o mundo, em que os oraculos e as crencas nos augures impunham a adoração aos povos ignorantes e fanaticos, teria sido uma *Semi-Deusa*. Hoje porém, que a singela e graciosa fada apparece no meio de uma sociedade civilisada, admira-se n'ella a sua intelligencia, graça, e a confiança que no seu trabalho deposita seu pae o dr. Faure Nicolay, não menos notavel como prestidigitador.

Esta menina, que conta apenas 13 annos de idade, tem percorrido já todas as capitães do mundo civilisado, e obtido por toda a parte um completo triumpho, espalhando ao mesmo tempo na sua passagem as flores e o orvalho da caridade sobre os desvalidos, nas numerosas recitas a que tem prestado o seu valioso concurso em favor dos necessitados.

Talento, graça e virtude



AFRICA — FUNERAES DO REI DE DAHOMÉ (Segundo um desenho de G. T. Valdez)

tudo se reúne, pois, na interessante artista cuja physionomia não desmente as preciosas qualidades que adornam o original.

## O GOLDEN GATE

Entre os arrojões de navegação empreendida em todos os tempos, deve mencionar-se a travessia do Oceano Atlantico, levada a cabo ha pouco, por dois tripulantes n'um simples escalar que em 58 dias de viagem, alcançou vir de Boston a S. Thiago de Cabo Verde.

No Porto da Praia foi tirada uma photographia d'este baquinho e dos seus dois tripulantes, e sobre ella é feito o desenho que hoje figura nas paginas do Occidente, visto ter sido n'um porto portuguez que o *Golden Gate* fez a sua primeira paragem.

O *Golden Gate* foi construido em Boston e lançado ao mar em 1 de julho de 1879. A sua quilha mede em todo o comprimento 17 pés e 6 pollegadas, e a boca na linha de fluctuação 5 pés e 4 pollegadas. Comprimento de roda a roda 19 pés. Pontal dois e meio.

Tem um mastro fixo com uma vela triangular, duas bujarronas e uma mezena volante; a sua arqueação é de uma tonelada e quatorze centesimos. De noite iça um pharol encarnado no mastro. Possui dois tanques de cobre para oitenta galões d'agua, e é construido de madeira de cypreste de uma pollegada d'espessura. Em caso de mau tempo recolhe o appparelho,



A ré ha um pequeno buraco em fórma de poço, aonde se senta o homem do leme.

Quando o tempo é muito e não pôde aguentar de capa, larga pela proa, amarrado a um cabo, um sacco de chumbo, afim de ficar apreado ao mar; e os dois tripulantes fecham-se dentro, ficando um a graduar o ar por um pequeno orificio que ha na escotilha.

Na travessia de Boston para Cabo Verde, o *Golden Gate*, como o mar fosse muito forte, virou-se duas vezes, mas tornou a indireitar-se sem inconveniente maior nem para si, nem para os tripulantes.

No dia 17 de setembro ultimo, largou este curioso barquinho da cidade da Praia com destino ao Cabo da Boa Esperança e Melbourne, aonde figurará na exposição de 1880, seguindo depois para S. Francisco da California e d'ali outra vez para Boston, — mas d'esta vez pelo caminho de ferro.

Os intrepidos tripulantes do *Golden Gate* são o capitão Herbert B. Burrell e o piloto Andrew Coombs, e a sciencia e a pericia d'elles; nada mais.

E lá vão todos pelos mares fóra, zombando da furia das ondas e do ludíbrio das tempestades!

Seja dito de passagem, que os committimentos como os do *Golden Gate*, representam mais uma aventura maritima do que um progresso scientifico na moderna navegação. É certo, entretanto, que a coragem do homem é mais bem empregada assim, do que, por exemplo, em matar o seu semelhante nos campos de batalha.

Os navios da construção do *Golden Gate*, sem poderem ir ao fundo, pouco se importam com a velha estrela da bonança, entretanto que ella lhe seja propicia!

## MANUEL BORGES CARNEIRO

### III

1823-1828

(Continuado do numero antecedente)

Os successos de 1823 vieram paralisar o progresso racional da liberdade portugueza. O paiz que até ahí se mostrara entusiasta pelo movimento de 1820, soprado e instigado por aquelles cujos privilegios, acções ou abusos eram atacados pelo novo systema politico, pareceu pender para a reacção. Os fautores d'ella não pararam. Algum tempo depois, tentou-se de novo uma sublevação contra D. João VI. Começára ella surdamente no paço e promovida pelos mesmos agentes da primeira. O assassinato do marquez de Loulé, uma noite dentro do proprio paço real, foi o primeiro passo. Encetada uma devassa sobre este facto, houve de parar logo, em vista dos nomes que primeiro appareceram denunciados como auctores. Emfim, a tempestade explodiu, e a 30 d'abril de 1824, determinou-se a revolução tramada por D. Miguel e sua mãe para arrebatarem, talvez mais do que o poder, a D. João VI. Refugiou-se o rei a bordo da nau ingleza *Windsor-Castle*, por conselho dos agentes estrangeiros, receiosos, e não sem motivo, de algum attentado mais directo sobre a sua pessoa. D'ali, onde se lhe juntou o marquez, depois duque de Palmella, assumiu os seus poderes, destituiu dos que lhe havia conferido, ao rebellado infante, que desterrou para Vienna d'Austria.

Borges Carneiro, demittido do seu cargo, como dissemos, acolhera-se á vida privada, e ahí continuava os seus estudos e trabalhos litterarios, que pelo tempo adiante foi publicando. A sua acção na politica d'esse tempo não podia ser nenhuma. A sua alma, de rija tempera, feita pelos exemplos do civismo antigo, illustrada por um estudo consciencioso da liberdade, desabrochava em torrentes de patriotismo, convertendo as suas idéas em leis, os seus sentimentos ora em louvor e applauso do bom e do justo, ora em invectivas contra os abusos e crimes. E' assim que ainda em fevereiro de 1823, quando nas cortes representava um dos mais brilhantes papeis d'aquelle heroico certamen, escrevia uma notavel carta a Luiz XVIII de França, ácerca da ingerencia nos negocios politicos de Hespanha. Passaram pois os tres annos de 1823 a 1826, em que o seu espirito penetrante devia reconhecer quão pouco digno dos esforços de tanta alma sincera e patriótica, era o povo, que nada via melhor que os frades e os inaufervéis direitos de um absolutismo apodrecido pela ineptia.

Chegou, porém, o dia 10 de março de 1826, e com elle o fallecimento de D. João VI. Immediatamente foi aclamado D. Pedro IV, que a 29 de abril outorgava uma carta constitucional, e a 2 de maio abdicava a corôa em sua filha D. Maria II, continuando como regente em seu nome a infanta D. Izabel Maria, que havia sido nomeada a 6 de março por seu pae. Foram convocadas tambem por decreto de 30 de abril as primeiras côrtes, fóra do prazo marcado na constituição.

Procedendo-se ás eleições geraes não podia ficar esquecido o nome do honrado cidadão. Borges Carneiro foi eleito deputado pela provincia da Beira. Ainda que um pouco tarde, fundado no decreto de 30 de setembro, era passado a 16 de outubro o seguinte alvará: «Eu a Infante Regente em nome de El-Rei, Faço saber, que por justos motivos que me foram presentes, e se fizeram dignos de consideração: Hei por bem restituir a M. B. C. ao exercicio de desembargador da Relação e casa do Porto, ficando sem effeito o Decreto de 17 de julho de 1823, porque foi demittido do dito logar.» E, coincidência notavel, era este documento registado na Torre do Tombo no dia 31 de outubro, dia da primeira sessão das novas côrtes.

Abriam-se estas debaixo dos melhores auspícios, mas não obstante a consideração de pares que foi dada aos principaes fidalgos do reino, parece que uma grande parte d'estes não acceitaram do coração a nova ordem de coisas, e não sei como podem defender-se do crime de deslealdade e perjurio esses homens que, durante dois annos entraram e figuraram em todos os actos politicos do paiz, como subditos de D. Pedro IV e de D. Maria II, que consideraram seu legitimo soberano, e depois consideraram da mesma fórma D. Miguel, o instrumento cego e duas vezes criminoso de D. Carlota Joaquina.

O discurso do throno é notavel porque signa o seguinte: «Que o solo portuguez não conheceu desde seculos outro governo politico, que não fosse o monarchico-representativo,» e depois de fazer um appello á consciencia dos parlamentares, termina, com a expressão de convencimento em que está, de que depois dos trabalhos das camaras possam todos dizer: «achámos Portugal enfermo e languido; deixámo-lo viçoso e florente.» Ainda a Providencia o não tinha decretado. Era preciso o martyrio para consolidar uma idéa tão pacificamente proclamada.

Logo na primeira sessão foi Borges Carneiro nomeado para uma das commissões de verificação de poderes.

A sua figura n'estas côrtes parece não se achar já animada por aquelle enthusiasmo e calor que tanto o accendia nos primeiros tempos. Poucas vezes se ouve a sua voz. No principio da sessão parece ter-se achado doente, pois achamos que pediu escusa, não comparecendo nas primeiras sessões. O tribuno popular parece suspeitar da sinceridade dos que o cercam, ainda que uma ou outra vez diga o contrario.

Convencido de que um povo precisa afirmar as suas conquistas por monumentos, que sirvam de animar e tocar a imaginação dos vindouros, requereu logo na sessão de 6 de novembro, que se erigisse um monumento ao rei constitucional; proposta que varias vezes renovou, de que apresentou um projecto, que foi examinado e em parte approvedo. O homem que accusara com linguagem vehemente e energica o principe, quando este se mostrara pouco respeitoso para com a representação nacional, applaudia-o agora, que elle se mostrava digno das aspirações da nação. Verdadeiro liberal, Borges Carneiro atacava os inimigos da liberdade, mas o seu animo franco e generoso, quando estes se mostravam arrependidos e se enfileiravam nas phalanges liberaes, já se não lembrava do peccado que elles haviam committido.

O desejo de fazer quanto possivel conhecidos os trabalhos da Assembléa popular de 1821 a 23, fez-nos ser alguma cousa minuciosos com

relação a este periodo, ainda que não tanto quanto fóra mister, porisso seremos agora mais remissos.

Esta sessão extraordinaria não teve a importancia das primeiras côrtes. Algumas propostas se discutiram. Borges Carneiro insistiu pela execução do artigo 126.º da Carta que manda ser publicas a inquirição das testemunhas e mais actos do processo depois da pronuncia. Por mais de uma vez insta n'este assumpto. Na discussão da inviolabilidade da casa do cidadão fallou por mais de uma vez. Nas questões capitaes não deixa d'ouvir-se a sua voz, e então assume a mesma energia de outros tempos.

A reacção levantava o collo por diferentes partes, foi necessario desenvolver e mobilisar forças. — Os Generaes Marquez d'Angeja, Conde de Villa Flor e Stubbs, coadjuvados por outros dispersaram os rebeldes. E quando a Camara quiz tratar da reforma dos pesos e medidas, Borges Carneiro, disse que com quanto a medida fosse util, na occasião presente as provincias careciam mais de medidas para a defeza do territorio e liberdade.

Officiaes de milicias tinham revoltado os seus subordinados, e recebiam os soldos por intermedio dos seus procuradores; depois de terminada a revolta, voltaram a suas casas e ninguém os incommodou; apresentou-se um projecto para que fossem chamados aos quartéis generaes afim de responderem pelo seu procedimento. Houve quem impugnasse a medida. Borges Carneiro disse poucas, mas energicas palavras a esse respeito e terminou: «não digo mais, nem quero fallar, que muito haveria que dizer com tanta omissão e incuria.»

Quando se apresentou um projecto de emprestimo de 4:000 contos, e de impostos sobre varios artigos de consumo, impugnou fazendo uma proposta para que fossem tributados os bens da corôa, esta proposta fez pender a Camara para a sua opinião, o que quasi sempre succedia, e para a commissão apresentar o seu parecer, foi elle convidado a discentir com ella, apresentando depois nova idéa, por ser impraticavel a primeira.

Passaram-se assim as tres sessões de 1826, 1827 e 1828.

N'esse intervallo fóra Borges Carneiro nomeado, em 14 de dezembro de 1827, desembargador ordinario da casa de supplicação; encetou a publicação do *Direito Civil Portuguez*, cujos primeiros tres volumes saíram dos prelos da Imprensa Regia de 1826 a 1828, sendo publicado o 4.º postumo em 1840; e imprimiu o *Resumo de alguns dos livros santos* em 1827: estes trabalhos foram naturalmente começados e preparadas durante o periodo em que esteve demittido.

N'este ultimo anno, (1828) D. Miguel, cujo contracto de esponsaes com sua sobrinha a Rainha D. Maria II fóra solemnemente celebrado em Vienna d'Austria em 1826, assumiu a Regencia em nome d'ella: achando-se senhor do poder, concertando-se com os seus antigos apaniguados, e seguindo os antigos, e agora mais desassabradados, conselhos de sua mãe tirou a mascara, dissolveu as côrtes a 13 de março, convocou a 3 de maio os tres Estados, segundo a forma obsoleta, porque lhe era certo poder alli dominar pela nobreza e clero, e acclamou-se rei absoluto em virtude da deliberação dos referidos tres Estados de 30 d'aquelle mez, seguindo-se d'ahi uma perturbação completa na ordem e vida interna do paiz.

(Conclue.)

BRITO REBELLO.

## CASAS DA MOEDA EM EVORA

### APONTAMENTOS

Talvez se não possa hoje precisar o local ou locaes em que se bateo dinheiro n'esta cidade, pois que do cartorio da Camara e na parte catalogada de suas materias nada consta. Possivel seria que da leitura dos livros das actas,



que se conservam desde o século XVI, alguma notícia se colhesse; é, porém, de prolongado trabalho essa leitura, para que me falcesse o tempo.

Porei, contudo, aqui o que a tal respeito descobri nos cinco volumes manuscritos de *Indice dos originaes* da mesma camara, obra realçada pelo fallecido conselheiro Rivara: Ordenação de D. Fernando mandando recolher e pagar as *Barbudas* que corriam e tinham menos valor do que deviam ter. Coimbra 8 de Fevereiro de 1416.

*Lit. I dos Indices n.º 21.* — Carta de el Rei á camara prohibindo a saída do reino aos *Reaes brancos*, que Mouros e Judeus para tal fim compravam por mais elevado preço. Cintra, 3 de Julho de 1461.

Outra sobre o mesmo assumpto. Cintra, 3 de Julho de 1462.

*Idem n.º 132.* — Carta de el Rei á camara fazendo-lhe saber que manda cunhar de ouro — *crúzados e justos*, que valerão dois *crúzados*, e de prata, *Reaes de prata* de 20 réis o Real e meios *Reaes* de 10 réis.

Manda recolher os *Dinhireiros* que corriam de prata, os *Grossos* e os *Chifreiros*. Montemor-novo 23 de Dezembro de 1484.

*Idem n.º 293.* — Carta de el Rei á camara agradecendo-lhe o promptificar prata para lavramento de moedas. Samora Corréa, 23 de Janeiro de 1486.

*Idem n.º 308.* — Ordem regia para que se retirem da circulação as moedas cercadas, durante o anno de 1517. Lisboa, 28 de Julho de 1517.

*Idem n.º 803.* — Ordenação de el Rei mandando que se não lavre mais a moeda de cobre de 10 réis, cinco e tres réis, mas só as de *caulil* e de *real da forma*. Lisboa, 22 de Outubro de 1356.

*N.º 1318.* — Alvará sobre as moedas de prata, declarando o peso e valia dos *tosões*, *meios tosões* e *viens*. Salvaterra, 22 de Abril de 1570.

*N.º 1588.* — Lei para que os *quartos* castelhanos não corram sob pena de morte. Lisboa, 8 de Junho de 1618.

*N.º 2237.* — Ordem do marquez almirante ao vedor da fazenda, Luiz Contador d'Argote, superintendente da casa da moeda da cidade de Evora para que se feche visto não haver que obrar n'ella. Lisboa, 19 de Junho de 1669.

*Liv. V de registro pag. 324.* — Lei sobre o valor do dinheiro. Lisboa, 3 de Fevereiro de 1642.

*N.º 2390.* — Alvará del-Rei á camara para se entregarem aos assentistas os rendimentos do cunho do dinheiro que manda fazer no Alentejo. Lisboa, 8 de Abril de 1642.

*N.º 2393.* — Documento dizendo que na casa da moeda se cunham moedinhas de 480 réis (ouro) e mandando que corram. Lisboa occidental, 5 de Dezembro de 1718.

*N.º 4438.* — Carta do Corregedor Manuel dos Reis Bexiga á Camara para apromptar casas para os moedeiros que veem a Evora com fabrica de Serrilha de moeda. Evora, 13 de Fevereiro de 1733. — *Liv. XV dos orig. pag. 156.*

Parece que fôra D. Fernando quem primeiro mandara cunhar moeda em Evora, pois que d'elle se conhece *meio tornes*, descrito com o numero 50 no catalogo de E. L. Ferreira Carmo.

D. João I bateu moeda n'esta cidade, conhecendo se dois tipos de *reaes*, um com as quatro letras: E-V-OR, e outro com duas: E-V.

De D. João IV conhecem-se *tosões*, *meios tosões*, *dois viens* e *viens* de prata, cunhados em Evora.

A. F. BARATA.

Evora.

## JUSTIÇA E... JUSTIÇAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Por mais de uma vez a sr.ª Anna dera tento de colloquios da natureza d'este, e fizera, como

se lá diz, vista grossa. Á pequena não lhe ia mal se aquillo fosse por diante; o rapaz tinha de seu e além d'isso era dotado de um bom arcabouço e de dois robustos braços para arcar com o trabalho. A rapariga pegára a queixar-se do peito, e, embora ella propendesse a acreditar que a doença não passava de um pretexto para encontros amorosos, não se eximia de pensar: «lá que ella é fraquiza isso é. Bem pôde ser que com o casamento arrije; que, afinal, do que ella precisa é de homem.» Explicava de si para si a Anna do Sargento com um conhecimento de physiologia digno de Marie Derasime ou de Hermence Lesguillon.

E, como aquelles encontros se repetissem muitas vezes, a mulher disse um dia a Leonor:

— Olha, menina, se elle gosta de ti para bom fim, não tolho que lhe vás fallar ao muro do quinxoso que eu ficarei de altaia, porque, enfim, o lume ao pé da estopa sempre a pôde atear.

Saltou Leonor de contente, e, assim que se lhe deparou ensejo sem quebra na sua dignidade de mulher, disse ao Vicente que podia ir fallar-lhe ao quintello, tirando a partido que ella ficaria para além do muro e que elle, pela sua parte, não procuraria escalá-o.

Pactuou o moço acatando todas as condições, e uma e muitas vezes convisinhou do pequeno hortão com a doce alegria de quem ia a levar e trazer venturas. De uma vez dizia elle:

— Lembra se, Leonor, de quando a vi na romaria da Senhora das Dóres? Foi lá que eu me agradei da menina. Ia toda de branco e levava uma rosa encarnada no seio. Ao sair da egreja, a rosa despegou-se-lhe do pé e eu corri a apanhá-la. Ainda lá a tenho.

— Bem me lembro. Também eu já sympathizava com o Vicente de o ver passar com a sua mie, por signal, que eu dizia sempre de mim para mim: como aquelle rapaz é tão bom para a mãe! ha de dar, por força, um bom marido.

— E a Leonor gosta de mim?

— Ora essa, que pergunta!... O Vicente é que não sei...

— Eu muitíssimo.

De outra occasião, como ao Vicente desagradasse a assiduidade do fidalgo, que, não contente de cruzar em frente da janella de Leonor, se fazia encontradigo com a moça nos passeios de manhã á herdade ou pela tardinha á orla da ribeira, o dialogo tomara a seguinte feição:

— Olha, Leonor, (já haviam trocado o tu das boas intimidades) se eu sei que o fidalgo te faz perder a cabeça, tenho alma de lhe acabar com a vida.

— Credo! O que tenho eu com o demonio do homem? A mim tanto se me dá que elle passe como que passe um cachorro.

— Pois elle assim será; mas eu, quando o vejo tenho gana de me atrair a elle.

— Tem juizo, Vicente, não vão essas cousas chegar aos ouvidos do fidalgo que ainda eu te veja em trabalhos.

Uma manhã, alguns trabalhadores que metteram pela azinhaga da «corte» deram com um homem, estirado de bruços no chão. Um d'elles pegou-lhe n'um braço, sacudiu-o, tentou erguel-o e encontrou a resistencia de um corpo inerte; affastou-lhe do rosto os cabellos empastados no sangue, e exclamou:

— Mataram o sr. D. Alvaro. E não foi outro, Deus me perdoe, senão o Vicente do Forno. Não se podiam ver. Ainda ha tres dias, andava eu a trabalhar lá embaixo ao pé da azinha, e o fidalgo passou tão longe de mim como eu estou agora de você, sr. Manoel; o Vicente vinha da banda de riba, cruzou rente com elle e nem a mão levou ao chapéo. Vae este virá-se para o outro e diz-lhe mesmo assim, com licença: «ó sua besta, você não vá quem vae?» O Vicente fez-se branco como a cal da parede e não disse uma nem duas, enfiou pelo atalho fóra e lá foi para casa.

— Bem, deixemos isso para depois; agora

vá um de vocês dar parte á auctoridade, lem brou um dos do grupo.

— Nessa não caio eu, e se disserem que fomos nós?

— Isso que monta? Olha, Francisco, a verdade anda sempre ao cimo d'agua; mais por aqui, mais por alli, sempre ha de vir a saber-se.

— Então vá lá você já que tanto falla; eu não que tenho mulher e filhos... quem as fez que as desmancho.

— Ai não querem? pois eu lá vou e have-mos de ver se são capazes de dizer que fui eu, decidi resolutamente o Manoel da Nora, e foi seguindo para casa do regedor, enquanto os outros, de costas voltadas para o morto, confirmavam com razões da sua lavra a hypothese de haver sido o Vicente o assassino de D. Alvaro de Mendonça.

Ao tempo ia-se juntando muita gente. O caso, passado de bocca em bocca, não tardára a percorrer o povoado. Quando Vicente saia, como de costume, no encalço da namorada, sentin-se agarrado por dois cabos de policia que, depois de o terem apalpado e de se haverem certificado que não levava armas consigo, responderam com phrases de belemnio ao gesto de Vicente que os encarava attonito.

Felizmente, Leonor, não saíra a passeio n'aquella manhã. Na vespera seroára até muito tarde no intento de acabar um vestido para a festa da Senhora d'Agosto; de sorte que já o sol ia alto quando despertou. A pobre menina se tivesse tido conhecimento do successo no meio da rua, teria caído sem sentidos, como lhe aconteceu quando a Anna lhe entrou no quarto a gritar: «Ai, filha, reza a Nossa Senhora que o Vicente está entre os ferros d'el-rei,» e que ella se recordou da conversa que por vezes tivera com elle. A amante do boticario, ao vel-a desmaiada, correu a chamar o tio que veio todo afeiçado, sem poder atinar com a causa do evasamento da sobrinha. Segundo elle, o caso do Vicente era muito para entristecer, mas não podia, de per si, explicar um desfallecimento. O bom homem no tocante a affinidades conhecia escassamente as da chimica no ameno trato dos saes e acidos.

Quando Leonor voltou a si e deu de cara com a Anna, recordou-se e perguntou-lhe:

— Porque prenderam o Vicente?

— Foram dar com o sr. D. Alvaro morto na azinhaga e pegaram a dizer que foi elle quem o matou.

— O Vicente, meu Deus?!...

— O rapaz ia muito descansado a sair de sua casa quando lhe deitaram a unha.

— Mas não foi elle?

— Credo! Elle era lá capaz!...

— Ai, tí' Anna, muito desgraçada sou eu que não morro já aqui!...

— Challa-te lá, menina, que não vá Deus castigar-te. Apega-te com Nossa Senhora dos Afflictos que ainda has de ser muito feliz.

— Ó meu Deus, como hei de eu resistir quando vir passar o Vicente na leva de condemnados ás galés! Melhor me fóra morrer que levava como a esperanza d'elle vir a ser absolvido.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Alcade de campo, ou coxo ou manco.



— Qual morte, nem qual carapuça! Aqui ninguém morre! O pae ha de lhe mandar vir do Porto um bom advogado e eu tenho ouvido dizer que estes senhores são capazes de fazer do preto branco e do branco preto. Quanto mais que elle não matou e a verdade sempre vem a saber-se.

— E a ti' Anna tem a certeza de que não foi elle?

— Assim me Deus salve. Quem tem uma morte ás costas não traz aquella cara; isso sim!... Eu ainda agora o vi, quando os quadrilheiros lhe deitaram a mão que parecia que não era nada com elle. Emquanto a mim, como o fidalgo era femieiro, entrou por 'hi a fazer das suas, até que deu com um pae de cabellino na venta que lhe mandou a alma ao diabo para descanso das raparigas honestas.

— Bem pôde ser — concordou Leonor um tanto sensibilizada por sentir ainda no rosto o olhar ardente do desventurado mancho.

(Conclua.)

SILVA RAMOS.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

O ALMANACH DAS SENHORAS. Entra no decimo anno da sua publicação este livrinho interessante, dirigido pela sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão. O ultimo abre com um esboço biographico de Miss Marie Carpenter, e encerra versos e prozas firmadas por muitos nomes conceituados nas letras. É perfeitamente justa a popularidade alcançada por este elegante Almanach em Portugal e no Brazil.

## THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO



HELENITA NICOLAY

(Segunda uma photographia de A. Madeira)

VIRTUDES CÍVICAS, por I. de Vilhena Barboza, 3.<sup>a</sup> edição. Livraria Chardron, Porto. — Quando um livro em Portugal tem alcançado como este cinco edições, está plenamente sancionado pela critica. Das Virtudes Cí-

ricas tem-se dito quanto basta para justificar o seu renome e fazer justiça ao merecimento do seu estudioso auctor.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, Livraria Chardron, Porto. — Recebemos os n.<sup>os</sup> 11 e 12 d'esta curiosa publicação empreendida pelo incansavel editor portuense. Encerra notas e transcripções extremamente interessantes. O n.<sup>o</sup> 12 annuncia o novo resumo da *Historia moderna de Portugal*, por João Diniz, e dá em duas pequenas gravuras — ao que supponnos — o espedimen de trinta e um retratos de monarchas que a devem illustrar. Em abono da verdade devemos dizer que estes retratos nos parecem extremamente convencionaes como composições e detestaveis como gravura. Pertencem á velha bagagem artistica do segundo quartel d'este seculo, que, no genero, tanta cousa de clamatoria e mal desenhada forneceu ás obras illustradas das nossas bibliothecas.

Entretanto que o texto da obra de João Diniz seja bom como ha direito a esperar, e já é uma compensação.

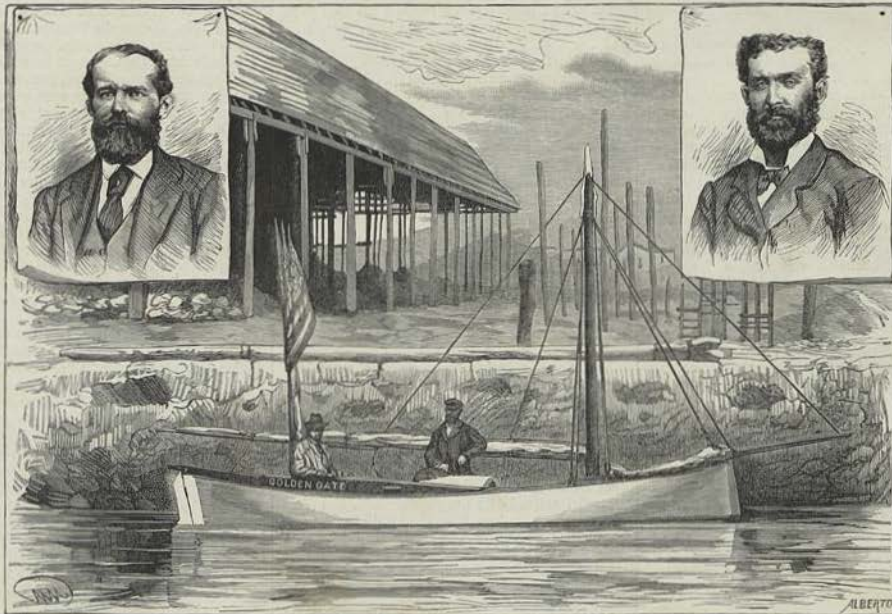
O AMOR DA PATRIA, romance original marítimo, por Francisco Gomes d'Amorim. Edição da Empresa das Horas Romanticas. E offerecido pelo seu conceituado auctor a um cavalheiro que o sr. Amorim desomina — chefe da colonia portugueza no Brazil.

É um romance de contesteria bem urtida, cheio de lances commoveedores, e despedido inteiramente das qualidades que determinam o caracter das obras que se propõem a ser o evangelho d'uma escola. Emfim, é um livro que deverá ter uma longa clientela, por ser ainda muito povoada a provincia litteraria em que as obras d'esta natureza são apreciadas.

O sr. Gomes de Amorim é um bom talento e um trabalhador incansavel. O *Amor da Patria* indica-nos que a doença não tem felizmente conseguido domar a actividade do seu florente espirito.

MONOGRAPHIA DO CAFÉ, por Paulo Porto Alegre, socio da Academia das sciencias de Lisboa. — Eis aqui um livro que deverá ter a melhor acção entre os

## VIAGENS CELEBRES



O capitão Herber

O piloto Andrew Cosula

GOLDEN GATE, ESCALER QUE FEZ A VIAGEM DE BOSTON A CABO VERDE

(Segundo photographias de I. Braga da cidade da Praia)

que se interessam pelo estudo d'aquella maravilhosa planta a que nós todos devemos tantas horas de prazer, e o nosso organismo tantos estímulos proveitosos. Este livro em que o sr. Paulo Porto Alegre faz o estudo d'uma cultura que é hoje a principal riqueza do Brazil, é um bello volume de quinhetas e tantas paginas, excellentemente impresso. A cultura, a estatística, o commercio, tudo o que respeita ao café, no Brazil

e nas diversas regiões em que elle se cultiva, é proficentemente tratado n'esta obra que fica sendo a mais completa na sua especialidade. Nunca dos prelos portuguezes saiu um trabalho que mais acolhimento deva encontrar no Brazil: poucas vezes um escriptor brazileiro, distincto como é o sr. Paulo Porto Alegre, terá escripto um livro mais proveitoso para os interesses do seu paiz.

Agradecemos o excellentes volume com que fomos brindados.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMAN FRERES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6